

PANORAMA DA GESTÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

AN OVERVIEW ON ENVIRONMENTAL MANAGEMENT AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT

Rosilma Mirtes dos Santos ROBALLO¹

RESUMO

Este artigo retrata o debate político internacional da questão ambiental no meio do século XX, diante do desenvolvimento sustentável que, a partir de então, passou a ser idéia central entre os formuladores e gestores de políticas, os movimentos ambientalistas, os meios científicos e os meios acadêmicos. Apresenta-se um pequeno cenário do nosso ecossistema, após 10 anos da conferência Rio 92, na qual as informações representam tendências ambientais catastróficas dentro do processo de evolução tecnológica em que a sociedade vive. Destarte, propõe-se uma nova abordagem nas relações entre o meio ambiente e o desenvolvimento.

Palavras-Chave: Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

ABSTRACT

This article describes the international political debate on environmental matters in the middle of twentieth century and its relations to the sustainable development theory. Since then, this has become the center of attention between the formulators and managers of politics, the environmentalists, scientists and academics. The article also shows an overview of our ecosystem, 10 years after the conference Rio 92, in which the information represents catastrophic environmental tendencies in the process of technological evolution wherein our society is. A new approach on the relations between the environment and development is proposed.

Key words: Environment and Sustainable development

⁽¹⁾ Mestranda da Faculdade de Ciência da Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

INTRODUÇÃO

No limiar do século XXI, um espectro ronda o mundo: a crise ecológica. E um pequeno espectro ronda o Brasil: a questão do meio ambiente. Esta questão tem levado os países a investir em programas e leis de preservação do ecossistema, principalmente a partir da conferência Rio 92. Nessa ocasião foram alavancados programas de políticas para o desenvolvimento sustentável, no intuito de normatizar, estabelecer e implementar estudos, tendo como meta a melhoria da relação entre o setor produtivo e o meio ambiente. Foram instituídas legislações visando regulamentar as ações do homem em relação ao meio ambiente em que vive.

E a devastação do meio ambiente se expande rumo à insustentabilidade. Os impactos causados no globo terrestre revelam o nicho ecológico de todo o mundo. O homem parece ter perdido de vista a deterioração dos sistemas e recursos ambientais, como segue: “o encolhimento das florestas, erosão dos solos, queda dos lençóis freáticos, redução de pesqueiros, elevação das temperaturas, mortes de recifes de corais, degelo polar e desaparecimento de espécies vegetais e animais” (BROWN, 2000).

Destarte, ao longo do próximo meio século, a deterioração do meio ambiente poderá causar impacto direto no desenvolvimento econômico do mundo, agravando quase todos os problemas ambientais e sociais. As estatísticas atuais da Organização das Nações Unidas-(ONU), elaboradas para a reunião de Johannesburgo na África do Sul em Agosto/2002, constataam que: “2,4% das florestas foram destruídas nos anos 90, uma área equivalente ao território do Mato Grosso no Brasil. O desmatamento é maior na África, que perdeu 7% de sua cobertura vegetal, e na América Latina, com 5%. A proporção de recifes de coral ameaçados saltou de 10% para 27%, apesar de protegidos pela Convenção da Biodiversidade. O consumo global de combustíveis fósseis cresceu 10%” (MADOV et al., 2002).

Contudo, a crítica dos ambientalistas ao padrão de desenvolvimento socioeconômico em marcha, que até então se mantinha nos marcos da esfera científica, adquire uma dimensão social e política de expressão crescente, confirmando-se assim a temática que passou a ser denominada Questão Ambiental.

A QUESTÃO AMBIENTAL E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A questão ambiental tem sido um dos temas centrais do debate político internacional nas últimas décadas. Dentre eles, destaca-se a posição do Clube de Roma, expressa no Relatório Meadows (1972), que aponta, para os limites do crescimento econômico, dados reveladores da finitude dos recursos naturais e levanta, assim, a tese do crescimento zero. Com a reunião de Estocolmo de 1972, polarizaram-se tais posições neomathusianas com a posição de ‘direito ao crescimento’, defendida pelos países do Terceiro Mundo. Como alternativa à polarização, é firmado, na reunião, o conceito de Ecodesenvolvimento, o qual denota a necessidade de que o desenvolvimento econômico seja compatível com a preservação do meio ambiente.

O conceito de desenvolvimento sustentável, lançado em 1979 também em Estocolmo, ganha seu impulso decisivo somente em 1987 com o relatório de Brundtland, *o nosso futuro comum*, apontando que o desenvolvimento econômico, para que seja efetivo, deverá dar-se sobre o tripé Eficiência Econômica - Ecologia - Equidade, ou seja, não apenas o crescimento seria compatível com a proteção ambiental, mas também não é possível que ele aconteça “em um só país” e desconsidere as fortes assimetrias internacionais.

O Desenvolvimento Sustentável, a partir de então, passa a ser idéia central entre os formuladores e gestores de políticas, entre os movimentos ambientalistas e entre os meios científicos e acadêmicos. Durante os trabalhos preparatórios para a 2ª Conferência Mundial das

Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Conferência Rio 92, foi consagrada o paradigma do desenvolvimento sustentável, “definido como o modelo de desenvolvimento que objetiva a sustentabilidade ambiental, através da utilização racional dos recursos naturais tendo em vista o atendimento das necessidades das gerações atuais sem comprometer as necessidades de gerações futuras”. (ONU, 1991).

A busca de sustentabilidade ambiental do desenvolvimento passa a ser o fio condutor nas atividades humanas, embora tenha sido adotado como um *slogan* (BRENTON, 1994). Destarte, após 10 anos da conferência Rio 92, as informações sobre o meio ambiente mostram que o planeta Terra já não é mais apenas um ente astronômico, mas também um ente histórico. O que nos parecia, ou era, uma abstração, logo se impõe a muitos como realidade nova, pouco conhecida, com a qual há que se conviver. O planeta Terra torna-se o território da humanidade.

Associada às discussões sobre o desenvolvimento sustentável no século XX, observa-se a dimensão em que se desenvolveu a globalização, que o mercado se mundializou e expandiu a fábrica global, as conquistas espetaculares e os avanços tecnológicos e seus reflexos sociais e econômicos, ou seja, a chegada do homem à Lua, o lançamento do primeiro avião, do computador eletrônico, o surgimento de novas indústrias como: a IBM, HP, Dell, Microsoft, Lucent abrindo a nova economia, ainda a sociedade do conhecimento, a era da informação ou a era da Internet, interligando os cinco continentes ao mesmo tempo.

Com estas inovações, o homem deixou de reconhecer que o céu e a terra, a água e o ar, a fauna e a flora, os recursos minerais e a camada de ozônio, tudo isto diz respeito a todos, aos que sabem e aos que não sabem, nos quatro cantos do mundo. Contudo, ao longo do próximo meio século, a deterioração do meio ambiente poderá causar impacto direto no desenvolvimento econômico do mundo, agravando quase todos os problemas ambientais e sociais, como

demonstram os resultados das últimas décadas no Oriente:

“À medida que as pressões aumentam a cada ano, mais ecossistemas locais entram em colapso, a erosão do solo forçou o Casaquistão a abandonar metade de sua área agrícola, desde 1980. A pesca do peixe-espada no Oceano Atlântico está prestes a acabar. O Mar de Aral, que produziu mais de 40 milhões de quilos de peixe por ano em 1960, está hoje morto. As Filipinas e a Costa do Marfim perderam suas lucrativas indústrias de exportações de produtos florestais em consequência do desaparecimento de suas exuberantes matas de madeira nobre. Os ricos bancos de ostras da Baía de Chesapeake, que produziram mais de 70 milhões de quilos, por ano, no início do século XX, mal conseguiram atingir 2 milhões, em 1998”. (BROWN, 2000).

Mesmo com os índices das Bolsas de Valores Dow Jones e a Bolsa de Valores do Estado de São Paulo-Bovespa alcançando novos picos durante a década de 90, os ecologistas já observavam que a crescente demanda da humanidade iria levar a um caos local, uma situação em que a deterioração do ecossistema substituiria o desenvolvimento.

A crise ambiental e as dificuldades em equacionar a geração dos problemas sociais têm sido um ímpeto nas gestões internacionais; constata-se que:

“a primeira região onde o declínio está substituindo o progresso é a África subsaariana. Nesta região de 800 milhões de pessoas, a expectativa de vida – uma sentinela indicadora do progresso – está caindo assustadoramente enquanto os governos, suplantados pelo crescimento populacional acelerado, não conseguem deter a propagação do vírus causador da AIDS. Em várias nações, mais de 20 por cento dos adultos estão infectados com o HIV. Na Índia por exemplo, a água

extraída do subsolo excede, em muito, a recarga dos aquíferos. A diminuição resultante dos lençóis freáticos levará finalmente a uma redução severa no suprimento de água para irrigação, ameaçando reduzir a produção de alimento deste país". (BROWN, 2000).

A explosão do crescimento populacional, as altas temperaturas, a evasão da população rural se deslocando do campo para os centros urbanos por falta de água para plantio, a elevação do nível do mar são reflexos das ações do homem.

Os números continuam a aumentar, todavia os sistemas da Terra não; as estatísticas descrevem que:

"a quantidade de água doce produzida pelo ciclo hidrológico é hoje a mesma que em 1950 e que deverá ser em 2050, da mesma forma que a produção sustentável de pesqueiros oceânicos, das florestas e pastagens. Entre 1950 e 2000, a população mundial cresceu de 2,5 bilhões para 6,1 bilhões, um crescimento de 3,6 bilhões. Embora as taxas de nascimento tenham caído em quase todo o mundo, projeções recentes demonstram que a população deverá crescer para 8,9 bilhões até 2050, um acréscimo de 2,8 bilhões. Enquanto o crescimento anterior ocorreu nos países industrializados e nos desenvolvimentos, praticamente todo o crescimento futuro ocorrerá no mundo em desenvolvimento, já superpopulado" (BROWN, 2000).

Contudo, à medida que a população cresce, o suprimento per capita é cada vez menor. As tendências ambientais para as próximas décadas, dentro do processo de evolução tecnológica progressiva em que a sociedade vive, representam uma catástrofe diante do avanço das inovações que o homem desenvolveu durante séculos. Enquanto a economia e a tecnologia foram extraordinariamente positivas, as políticas ambientais foram as mais desastrosas e poderão resultar em um desastre no sistema econômico.

Ressalta-se que as modificações da qualidade do meio ambiente têm efeitos físicos diretos, tais como, a perda da capacidade de produção do indivíduo, da produção animal, a diminuição dos rendimentos agrícolas e a redução da duração dos bens de consumo. Darwin já nos alertava para o sistema natural do nosso meio ambiente quando escreveu "os naturalistas tentam organizar as espécies, gêneros e famílias em classe, no que se costuma chamar de Sistema Natural. Mas o que significa esse sistema?" (Darwin, 1859 *apud* George, 1992).

Neste contexto, uma nova abordagem das relações entre o meio ambiente e o desenvolvimento se faz necessária, pois, isto implica considerar a dimensão da capacidade de suporte dos ecossistemas naturais em relação às atividades humanas e colocar em questão as escolhas e os estilos de desenvolvimento. Destarte, as alterações provocadas por essa abordagem nos conceitos e estratégias de gestão ambiental precisam ser profundas, uma vez que a sustentabilidade ambiental representa um novo paradigma, em que a noção de política ambiental setorial ou de setor ambiental passa a ser insuficiente e implica a busca de uma visão integrada sobre o efeito das políticas públicas e privadas sobre o ambiente.

São necessários modelos de gestões com uma postura preventiva em relação às causas da geração de problemas, requerida para qualquer atividade humana e, especialmente, em relação aos estilos de desenvolvimento econômico e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ímpeto crescente que provém das esferas de políticas públicas e privadas e a perspectiva de estarmos agora próximos ao limiar de uma grande transformação e tornam mais convincente a necessidade do desenvolvimento sustentável.

A conferência de Cúpula da Rio 92 talvez tenha representado a última chance para o mundo

com relação à questão de enfrentar seriamente e deter as ameaças ambientais cada vez mais graves contra o desenvolvimento econômico, a segurança nacional e a sobrevivência humana. Foi, por certo, a última grande oportunidade, para a atual geração de líderes e dos que possuem o poder decisório, de cumprir suas obrigações básicas para com os seus iguais, para com a juventude de hoje e para com as gerações futuras.

A busca por índices, critérios ou elementos, que identifiquem a ocorrência ou não de desenvolvimento, reflete a crescente consciência de que há problemas que precisam ser superados, e que caracterizam a crise de um determinado modelo de desenvolvimento que atinge, indiscriminadamente, países pobres e ricos. Porém, para melhor focalizar e entender o desenvolvimento sustentável, é necessário conhecer o modelo de desenvolvimento que está em crise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, P., **Pesquisa em Ciências Sociais**. Campinas, São Paulo. Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- BRENTON, T. **The greening of Machiavelli**. London: Earthscan, 1994.
- BROWN, L. et al. **Estado do mundo 2000**: relatório do Worldwatch Institute sobre o avanço em direção a uma sociedade sustentável. Salvador : UMA Editora, 2001.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CALVACANTI, R. N. **Mineração e desenvolvimento sustentável**: casos da CVRD. 1996. Tese (doutorado). Escola Politécnica, Universidade de São Paulo.
- COMUNE, A. E. Meio ambiente, economia e economistas. In: MAY, P. H .E.;
- MOTA, R. S. (org.). **Valorando a Natureza** – Análise Econômica para o Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- ECO, H. **Como se faz uma tese**. 15ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FORRESTER, V. **O horror econômico**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.
- GEORGE, W. **As idéias de Darwin**. São Paulo: Cortez, 1992.
- GOULET, D. Desenvolvimento autêntico. In: CAVALCANTI, C. **Meio Ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1997.
- IANNI, O. Globalização e diversidade. In: FERREIRA, L.C. et al. **Incertezas da sustentabilidade na globalização**. Campinas: Universidade de Campinas, 1996.
- LAMA, D. **Uma ética para o novo milênio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- MADOV, N.; GREGO, A.; SAMPAIO, F. e COUTINHO, L. **A terra pede socorro**. Veja, São Paulo, edição 1765, n. 33, p. 80-87. 2002.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Bertrand, 1998.

